

O conceito de lebensform (formas de vida) na filosofia de Wittgenstein

The notion of lebensform (forms of livein the philosophy of Wittgenstein

Léo Peruzzo Júnior

Doutorando em Filosofia – UFSC

Professor do Curso de Filosofia do Centro Universitário Franciscano do Paraná – FAE

Professor do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR

Resumo: O conceito de *lebensform* (formas de vida) aparece nas *Investigações Filosóficas* (1953), obra póstuma de Ludwig Wittgenstein. Não se trata de um conceito de primeira ordem, mas de um que é determinado por outro mais amplo, ou seja, aquele de jogos de linguagem. A vinculação entre o significado e o uso da linguagem reclama a observação de três condições: a primeira diz respeito ao modo como as palavras são utilizadas (uso de regras); a segunda deve observar o contexto em que se empregam palavras (jogos de linguagem); e a terceira tem de atentar para as funções que elas devem desempenhar (formas de vida).

Palavras-chave: Formas de vida, Jogos de linguagem, Uso de regras, Wittgenstein.

Abstract: The notion of *lebensform* (forms of live) appear in the *Philosophical Investigations* (1953), which was published pastlemuosity. “Lebensform” is not a notion of primary order, but one which is determined by broader notion of language games. The relation between meaning and use of language demands the consideration of three conditions: the first refer to the way words are used (rules of use); the second refer to the context in which words are used (language games); the third refer to the intention in which they are used (forms of life).

Keywords: Forms of life, Language games, Use of rules, Wittgenstein.

Introdução

A linguagem é um instrumento. Seus conceitos são instrumentos. Pensamos talvez que não possa fazer uma grande diferença quais conceitos empregemos. Que possamos fazer física tanto com medidas como pé e polegada, como com metro e centímetro; a diferença é apenas de comodidade. Mas mesmo isso não é

*verdade, se, por exemplo, em nosso sistema de
medidas, os cálculos requerem mais tempo e
esforço do que podemos despende.
Conceitos nos levam a investigações.
São a expressão de nosso interesse e o dirigem.
(IF, §569-579)*

Na obra *Tractatus Lógico-philosophicus* (1921), Ludwig Wittgenstein desenvolveu uma fascinante metafísica do silêncio, na qual a linguagem estabeleceria os limites do que pode ser dito significativamente. A linguagem teria a função de representar o mundo; os fundamentos da linguagem estariam conectados com os fundamentos do mundo, ou seja, existe uma participação da essência da linguagem com a essência do mundo.

Entre o final dos anos 20 e início dos anos 40, Wittgenstein depara-se com uma nova concepção: a ideia de que a linguagem deve ser concebida como uma *caixa de ferramentas*, por meio da qual as pessoas desenvolvem as mais diversas tarefas e atividades. Esta nova dinâmica deveria substituir a questão levantada em sua primeira filosofia, expressa no *Tractatus*, onde existe um mundo em si que nos é dado independentemente da linguagem, mas que a linguagem tem a função de exprimir. Pois, se a tese do *Tractatus* era que o significado de uma palavra é o objeto que ela denota, agora é substituída pela ideia de que o significado de uma expressão é o uso que se pode fazer dela nos vários jogos de linguagem que constituem a linguagem.

O presente trabalho procura resgatar o conceito de *lebensform* (*formas de vida*) que aparece em *Investigações Filosóficas* (1953), obra póstuma de Wittgenstein. A referência das *Investigações* busca agora a situação no qual o homem usa a linguagem, pois o único meio de saber o que é a linguagem é olhar seus diferentes usos. Essa análise deixou de concentrar-se sobre o limite externo do discurso factual e voltou-se para a rede de fronteiras internas.

É justamente por essa questão que o exame da significação das palavras só pode ser esclarecida por meio de suas *formas de vida*, contexto em que as palavras se manifestam e possuem significado. Entretanto, como as palavras e as sentenças mostram seu significado através de seu uso, e sabendo que a linguagem se presta tanto para expressar as realidades regulares quanto aquelas não regulares, Wittgenstein reconhece que é

necessário haver um conjunto de regras que permitam o ordenamento do uso da linguagem.

Mente, Mundo e Linguagem no Tractatus Lógico-Philosophicus

Nos primeiros aforismos do *Tractatus*, Wittgenstein apresenta o mundo sendo constituído pela totalidade de fatos, e não de coisas¹. Os objetos apenas existem porque constituídos e encadeados pela sequência lógica de que são pensados, uma vez que é impossível pensar a constituição de um mundo senão pela organização dos fatos, pois não existe nenhum objeto fora da ligação com outros objetos². Como não se pode pensar em objetos fora do tempo e do espaço, também “a substância do mundo só pode determinar uma forma, e não propriedades materiais. Pois estas são representadas apenas pelas proposições – são constituídas apenas pela configuração dos objetos” (TLP 2.0231).

A isomorfia mundo/linguagem, encontrada no *Tractatus*, acontece porque o fato e a figuração possuem algo em comum para que constituam uma proposição que diga algo com sentido. A figuração contém a possibilidade de poder afigurar toda a realidade, todos os fatos, a possibilidade da existência de n estados de coisas, emergindo daí a necessidade da existência de algo idêntico entre o fato e sua figuração, ou seja, a sua forma lógica, que determina a ligação possível entre o que ela afigura na realidade e como é representada. O filósofo mostra que aquilo que a própria figuração representa é seu sentido, pois a concordância ou discordância deste com a realidade determina seu valor de verdade (Cf. TLP 2.222).

Reconhecendo o pensamento como figuração lógica dos fatos, Wittgenstein inicia uma posição singular nos aforismos que compõem o *Tractatus*. Segundo Giannotti, o pensamento não pensa a coisa, mas a combinação possível delas, “construindo um estado de coisas simples, um fato atômico ou complexo” (GIANNOTTI, 1995, p.36). O estado de coisas é pensável quando pode ser figurado, pois é a própria condição do pensamento

¹ Esta passagem refere-se às proposições 1 e 2 do *Tractatus*.

² Wittgenstein expõe no *Tractatus* que *os objetos contêm a possibilidade de todas as situações* (TLP 2.014). O mundo, por sua vez, constituído pelos fatos, deve possuir uma substância para que se possa fazer uma figuração a seu respeito, pois, caso contrário, seria impossível construir uma proposição que pudesse dizer algo com sentido. *A figuração é um modelo da realidade* (TLP 2.12), pois os elementos que ela figura são os objetos presentes no mundo. É dessa forma que uma proposição com sentido figura um modelo presente no mundo, e sua verdade ou falsidade serão possíveis de verificação (Cf. REGUERA, 1980; PEARSON, 1973).

que contém a possibilidade de figurar uma situação, uma vez que *a priori* não existem figurações verdadeiras, pois a possibilidade de verdade depende da isomorfia com o mundo. A garantia de uma descrição completa do mundo seria possibilitada pela redução atômica dos fatos à proposições. Marques indica que:

O princípio de partilha de uma mesma forma, isto é, de um isomorfismo entre linguagem e realidade leva à suposição que é possível uma descrição completa do mundo. Por outras palavras, no *Tractatus* a linguagem está orientada para uma função descritiva, tal como se torna evidente quando se acredita nesse tal isomorfismo linguagem/realidade. (...) No Wittgenstein posterior ao *Tractatus* a linguagem também possui com as coisas relações muito mais complexas do que uma relação representativa apenas (MARQUES, 2003, pp. 39-41).

No *Tractatus*, a linguagem era tomada como a expressão do pensamento e, ao figurar a realidade, deveria possuir uma identidade comum com o mundo. Wittgenstein pretendia mostrar como a linguagem adquire sentido sustentada pela lógica e, como o mundo adquire significado pela linguagem que o descreve³. Segundo Moreno, “encontramos a proposição enquanto imagem (Bild) lógica dos estados de coisas” (MORENO, 1995, p.11). O filósofo de Viena, abordando o problema da figuração e sua ligação com o pensamento, indica um isomorfismo entre linguagem e realidade, única forma de descrever claramente como o mundo é. Como a linguagem não passa de um reflexo, o importante é a estrutura ontológica do mundo que a linguagem deve expressar. A essência da linguagem dependeria da estrutura ontológica do real, conforme aponta Themudo, existindo um mundo em si que nos é dado independentemente da linguagem, mas que a linguagem tem a função de exprimir (Cf. THEMUDO, 1989, pp.32-40). As proposições verdadeiras, no Wittgenstein do *Tractatus*, correspondem à ciência natural,

³ Wittgenstein adverte que, na proposição, o pensamento exprime-se pelo sinal sensível. São os sinais sensíveis e perceptíveis, constituídos na escrita ou nos sons, que transmitem a situação possível de uma figuração pela proposição. Vale lembrar que uma proposição que possua sentido não é uma mera mistura de sons ou de sinais, mas uma construção articulada que deve obedecer aos padrões lógicos (TLP 3.1).

cabendo à filosofia, por não ser uma teoria, mas uma atividade, esclarecer os pseudo-problemas linguísticos.

A concepção semântica do *Tractatus*, a partir da década de 30, entra em crise e, com isso, também a pretensão de ver o mundo de forma cristalina. A compreensão linguística deixa de ser um ato ou um processo, no sentido de que é algo que acontece ou passa. Ela se torna uma condição permanente, não um estado mental particular, deixando de constituir uma disposição, “uma vez que exteriorizo minha compreensão com base na observação de meu comportamento em circunstâncias anteriores semelhantes” (GLOCK, 1998, p.94). No conceito de cor, por exemplo, a observação das cores numa tabuleta, não é condição para o emprego adequado da linguagem à forma (cor) na realidade. Poderíamos estar usando nomes diferentes para nos referirmos a mesma cor, sem mesmo sabermos que falamos de tal cor. Ao referir-se ao termo “concordância”, Wittgenstein indica que o sujeito isolado não consegue atribuir um caráter de validade a um enunciado. No caso das cores, por exemplo, não existiria uma imagem que exemplifique o conceito, uma vez que “essa imagem teria que ser um padrão puro, o que resulta numa mitologia dos arquétipos escondidos na alma. (...)” (MARQUES, 2003, p.48).

Giannotti, ao referir-se a relação do *Tractatus* com os escritos tardios, entende que “não somente a proposição deixa de ser vista canonicamente como afirmação ou negação de que isto é assim e assim, enquanto conceito formal de contornos delineados, mas se altera a maneira pela qual é vista funcionando” (GIANNOTTI, 1995, p.45). A insuficiência do modelo lógico faz emergir novos desdobramentos, associando o primeiro com as possibilidades de manifestação na expressividade da linguagem, que surge agora como uma atividade terapêutica contra o enfeitamento e os labirintos do modo como usamos o nosso discurso.

Mente, Linguagem e formas de vida (*Lebensform*)

Em *Investigações Filosóficas*, a linguagem apresenta-se como parte da conduta social da espécie, porque pertence à nossa história natural como as atividades de andar, comer ou beber, pressupondo, dessa forma, um contexto pré-linguístico. Neste caso, “o uso de um termo se sustenta sobre o de uma conduta comum da humanidade, numa base constituída por uma concordância em reações primitivas, o que equivale a dizer, em tipos de conduta pré-linguística” (VALLE, 2003, p.67). A esse conjunto de reações comuns Wittgenstein denomina *formas de vida (lebensform)*.

A partir do conceito de *formas de vida*, a linguagem caracteriza-se pela sua ligação com as diversas práticas (linguísticas e não linguísticas) do agir humano. Essa interação das ações humanas com a linguagem é o que constitui o cerne das *formas de vida*, uma vez que é uma das maneiras da expressão comunicativa entre os homens. A palavra “alegria”, por exemplo, não designa nada, nem uma experiência privada nem algo público. No entanto, isso não significa que a palavra “alegria” careça de significado. Seu significado está dado em práticas sociais que governam o uso da expressão em uma *forma de vida*. Estas práticas permitem que alguém reconheça e identifique uma certa experiência como uma instância do conceito de “alegria”.

Pode-se imaginar facilmente uma linguagem que seja constituída somente de comandos e informes de batalha. – Ou uma linguagem constituída apenas de questões e de uma expressão de afirmação ou de negação. E inúmeras outras. – E representar uma linguagem equivale a representar uma forma de vida (IF, 1996, §23).

Wittgenstein pensa o conteúdo psicológico como algo essencialmente vivencial e, por este, especificamente humano. Ao considerar o psicológico como algo vivencial confere-lhe um caráter pessoal, vinculado a atos não acessíveis somente pela observação. Diferenciando-se do behaviorismo metodológico, o autor de *Investigações* “insiste que a expressão corporal não é o básico para descobrir a natureza dos conceitos psicológicos, não obstante considera-os sumamente importantes para a sua compreensão” (GIL DE PAREJA, 1992, p.108). As vivências psicológicas passam a ser compreendidas como parte da atividade linguística comum a uma *forma de vida*.

A compreensão dos conceitos psicológicos via linguagem, segundo o autor, acontece quando se está inserido em uma forma de vida, porque “(...) representar uma linguagem equivale a representar uma forma de vida” (IF, 1996, §19). O domínio de uma prática linguística requer técnica, saber jogar com regras, pois é assim que compreendemos aquilo que é exteriorizado. Isto permite extrair que não se pode mais omitir ou negar, como aponta Wittgenstein, que é a *forma de vida* que delimita a clareza da nossa expressão linguística.

Por meio da análise dos diversos usos possíveis da linguagem, o filósofo expõe um conjunto de ideias, imagens e exemplos que abordam a questão da significação sem recorrer às noções internas privadas. Entretanto,

se por um lado ele parece conseguir justificar a significação sem recorrer à introspecção, por outro, também não pretende rejeitar a existência de uma subjetividade apenas pela sua inacessibilidade do mundo exterior. Wittgenstein objeta contra o fato de que as emoções, por exemplo, existam já determinadas e construídas em nosso teatro interior, de maneira que a linguagem simplesmente represente ou expresse o que já está aí. De acordo com o modelo pelo autor rejeitado alguém poderia reconhecer as suas emoções simplesmente por experimentar, sem necessidade de um contexto social de aprendizagem para sua identificação, nomeação e descrição. Dessa forma, as emoções, e todas as demais vivências interiores, são construções sociais que se realizam na aprendizagem de uma linguagem ao habitarmos uma *forma de vida*⁴. Claro está, portanto, que a concordância linguística também pertence a uma *forma de vida*.

Assim você está dizendo, portanto, que a concordância entre homens decide o que é certo e o que é errado? – Certo e errado é o que os homens dizem; e os homens estão concordes na linguagem. Isto não é uma concordância de opiniões, mas da forma de vida (IF, 1996, §241).

A noção de *formas de vida* não acaba sendo definida por Wittgenstein, pois ela adquire significado na conjunção com os jogos de linguagem e com as regras utilizadas nas mais variadas circunstâncias. A *forma de vida* consistirá na concordância de respostas de qualquer certa comunidade linguística, o que conseqüentemente, desemboca na concordância de juízos e definições dentro de um discurso com valor de verdade⁵. Wittgenstein indica que é necessário “*ver a frase como instrumento, e o seu sentido como seu emprego*” (IF, 1996, §421).

⁴ Dall’Agnol, em Natural ou Transcendental: sobre o conceito de Lebensform em Wittgenstein e suas implicações para a ética, compara forma de vida a um conceito “quase-biológico”, no qual ela não é uma noção meramente empírica ou científica: “Por isso, há uma observação que deve ser feita sobre a função que esse conceito ocupa na investigação filosófica de Wittgenstein. A afirmação de que o que é dado são as formas-de-vida diz algo a mais, a saber, que um processo de justificação tem que chegar necessariamente a um fim, exatamente aqui: na forma-de-vida humana” (DALL’AGNOL, 2009, p.285).

⁵ A concepção de uma linguagem identificada pela não-formalização fizeram com que Wittgenstein fosse acusado de relativismo e, portanto, desprovido de fundamentos sólidos já que seu pensamento estava novamente exposto às imprecisões da estrutura linguística. Os lógicos consideraram o regresso, assumindo unicamente as posições do *Tractatus* e abandonando o pensamento do próprio filósofo. A exclusão de um sistema onde os objetos lógicos perdem a

Diz-se: não é a palavra que importa, mas a sua significação; e ao dizê-lo, pensa-se na significação como em uma coisa do mesmo gênero da palavra, ainda que diferente dela. Aqui a palavra; aqui a significação (IF, 1996, §120).

Ao longo de *Investigações*, pode-se observar a pergunta pelos critérios de correção dos *jogos de linguagem* e das *formas de vida*, pois como seria possível ter certeza somente a partir de nosso próprio caso? A resposta para esta pergunta pode ser encontrada na formulação do seguimento de regras. As nossas próprias sensações ou estados psicológicos só podem ser entendidos quando expressos “socialmente”, pois se fossem descritos como acontecimentos privados não seriam passíveis de interpretação ou, até mesmo, não possuiriam significação alguma. Será, portanto, o seguimento das regras que determinará o ordenamento e o uso da linguagem na expressão dos conceitos usados contextualmente.

Mente, linguagem e seguimento de regras

No *Tractatus*, as regras constituíam a sintaxe lógica, ou seja, a ideia de cálculo como modelo para a linguagem. Já nos escritos tardios, Wittgenstein preocupa-se em discutir como a atividade de seguir uma regra guia o nosso comportamento e determina o significado das palavras⁶.

Em *Investigações*, o filósofo mostra que

O que denominamos “seguir uma regra” é algo que apenas um homem poderia fazer apenas uma vez na vida? – Trata-se, naturalmente, de uma observação para a gramática da expressão “seguir a regra”. Não é possível um único homem ter seguido uma regra uma única vez. Não é possível uma única comunicação ter sido feita, uma única ordem ter sido dada ou entendida uma única vez, etc. – Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez são hábitos (usos, instituições). Compreender uma frase significa compreender uma língua. Compreender uma linguagem significa dominar uma técnica (IF, 1996, p.113).

função representativa última significava um retorno a incertezas no valor de verdade das proposições.

⁶ No conceito de *jogo de linguagem* (*sprachspiel*), não existe uma definição analítica para o conceito de seguir uma regra, já que ela é determinada apenas por “semelhanças de família”.

Wittgenstein descreve a atividade de seguir uma regra como uma prática social, referindo-se a “costumes”, “hábitos” e “instituições”⁷. Isso é sugerido pela afirmação de que “não é possível seguir uma regra privadamente” (IF, 1996, §202). As regras são apontadas como padrões de correção, ou seja, não descrevem o que as pessoas falam, porém definem o que é falar corretamente e com sentido dentro de um contexto. As regras podem ser comparadas a uma metalinguagem de correção dentro da linguagem, como era no caso da lógica no *Tractatus*. Porém, nas *Investigações*, Wittgenstein rejeita a idéia de que a compreensão de um estado mental se daria por meio de regras privadas (Cf. THORNTON, 2007, p.65).

Segundo McGinn, Wittgenstein subscreve o ponto de vista comunitário de seguir regras, afirmando que compreender uma regra é uma espécie de propensão para agir de determinada maneira, sendo isto uma propensão para agir em uma prática linguística que se torna a base do significado (McGINN, 1984). Clara Dias, por sua vez, aponta que as regras exigem um percurso que vai desde a sua compreensão até o momento de sua elucidação, conforme argumenta:

A respeito do que seja agir segundo regras, podemos, então, apenas dizer: 1) agir segundo regras é uma práxis; 2) a compreensão das regras é atribuída àquele cuja performance condiz com as mesmas; 3) o próprio agir é o critério pelo qual reconhecemos o uso correto das regras; e finalmente, 4) quem compreende as regras de uso de uma expressão deve ser capaz de elucidá-las. Desse modo, o que confere compreensão e correção às regras é a sua própria aplicação, o agir de acordo com regras (CLARA DIAS, 2000, p.61).

A interação entre os homens agora passa do sujeito solipsista⁸ para uma intersubjetividade que segue regras e normas às quais está vinculada a

⁷ A questão é saber, segundo Glock, se Wittgenstein defendia uma visão comunitarista, segundo a qual seguir uma regra só é possível dentro de uma comunidade social (GLOCK, 1998).

⁸ Themudo aponta que “o solipsista é, então, a pessoa que afirma que só as suas expressões são reais; aquele que usa uma notação, na qual uma expressão como: “A tem uma dor de dentes real” – em que A não é ele próprio – não tem qualquer sentido. Isto é, o solipsista é aquele que usa uma notação, cujas regras excluem a referida expressão e permitem que esta outra: Smith (o solipsista) tem dor de dentes” possa substituir-se, sem perda de sentido e significado exatamente o mesmo, por “Há dor de dente real” (THEMUDO, 1992, p.92).

sua *forma de vida*, porque também a linguagem psicológica, aquela dos estados interiores, passa a constituir-se num meio social, público. As regras constituem a referência para agir segundo os *jogos de linguagem*. Na interpretação que Hacker faz, o uso de certas regras é sempre inerente dentro de uma prática comum, ou seja, a gramática que utilizamos para expressar nossas vivências interiores pertence a uma prática comum de uma comunidade linguística (Cf. HACKER, 1998, p.p.116-125). A investigação da gramática apontaria para onde estão as raízes dos erros filosóficos, que ofuscam a verdadeira imagem de interior associando-o a uma falsa ilusão além da forma linguística.

Wittgenstein estava pouco interessado aos detalhes dos sistemas filosóficos de seus predecessores. Ele se preocupava, ao invés, das raízes dos erros filosóficos, em particular das suas raízes gramaticais; e por ‘gramática’ não entendia simplesmente a sintaxe mas, toda as regras do uso das palavras, inclusive aquelas que fixam o seu significado. Por este motivo, começou fornecendo uma exposição articulada daquela concepção filosófica do ser humano que Wittgenstein entendia mostrar como ilusória. A primeira vista essa parece natural e seduzente, mas ocorre estar em guarda: a coisa mais natural em filosofia é cair no erro (HACKER, 1998, p.25).

Gilbert Ryle, em *Theory of Meaning*, um dos ensaios contendo observações sobre o funcionamento da significação das palavras na linguagem ordinária, descreve a passagem ocorrida na filosofia de Wittgenstein. Ryle argumenta que o Wittgenstein das *Investigações* deu-se conta que as questões lógicas não são questões acerca das propriedades e relações das expressões figuradas naquelas sentenças cuja lógica está em exame. No *Tractatus*, segundo Ryle, Wittgenstein apontou que todas as palavras são governadas pela sintaxe lógica ou gramática lógica. Porém, essa questão teria se revertido mais tarde quando Wittgenstein percebeu que a variação do significado está de acordo com o uso arbitrário das regras.

Só mais tarde, no entanto, Wittgenstein, consciente e deliberadamente, retirou o pé remanescente do campo denotacionista. Quando dizia: *Não pergunte pela significação, pergunte pela utilização*, Wittgenstein estava transmitindo um ensinamento que fora obrigado a ensinar a si mesmo e depois de ter abandonado as perspectivas do *Tractatus*. A utilização de uma expressão ou de um conceito que ela exprime é a função para cuja execução ela é

empregada, e não uma coisa, pessoa ou acontecimento qualquer que ela supostamente representa. (...) A significância de uma expressão e os poderes ou funções, no xadrez, de um peão, de um cavalo ou de uma rainha, têm muita coisa em comum. Para saber o que o cavalo pode ou não pode fazer, devemos conhecer as *regras* do xadrez, assim como devemos estar familiarizados com vários tipos de situações enxadrísticas que podem surgir (RYLE, 1975, p.70).

Conhecer, portanto, não é um ato mental, uma vez que a ideia de compreensão parece sempre estar ligada a analogia das regras que permite o jogo de xadrez, por exemplo. Não faz sentido perguntar se a palavra foi exatamente a primeira lida por um aprendiz, pois não há um limite preciso que determine um erro aleatório ocasional, ou um erro sistemático no significado da linguagem, porque as regras, em alguns casos, também são insuficientes para estabelecer a compreensão nos jogos linguísticos. Também não é possível pensar que as palavras devam derivar seus significados a partir de um ato de interpretação interior, excluindo a conexão de seu sentido com as regras e suas aplicações exteriores⁹. Thornton defende que as regras dependem do sucesso de sua aplicação.

Não deveríamos pensar a compreensão como um processo mental. Como ilustra o exame da leitura, mesmo se houvesse acompanhamentos mentais característicos, ela própria não envolveria a posse daquelas experiências, porque elas não seriam necessárias nem suficientes para atender à coerção normativa. A justificativa para a tese de que alguém apreendeu uma regra deve-se basear no sucesso desse alguém em aplicá-la. Ela não pode basear-se em quaisquer experiências que possam ter ocorrido no momento em que deu a luz. Tais experiências podem ser indicativas de compreensão, mas são subservientes ao teste prático subsequente (THORNTON, 2007, p.69).

⁹ Sobre a necessidade de regras na construção dos jogos de linguagem, Machado afirma que “*se o uso significativo de uma expressão é um uso normativo, no sentido recém explicado, então conhecer o significado de uma expressão envolve conhecer regras que determinam o uso significativo dessa expressão. E “conhecer as regras” envolve aqui ser capaz de distinguir as ações que estão de acordo com as regras daquelas que não estão. Isso implica que se deve ser capaz de seguir essas regras? (...) A capacidade de conhecer regras que não se é capaz de seguir pressupõe a habilidade de seguir regras*” (MACHADO, 2007, p.18).

É possível evidenciar que, com as *Investigações*, o seguimento de regras na linguagem permite destituir a concepção de linguagem guiada privadamente, de que a compreensão seja exclusivamente um estado introspeccionista e de que o meu mundo interior seja inacessível epistêmica, e ontologicamente, as outras pessoas. Isso possibilita um novo entendimento sobre a forma pela qual operamos com a linguagem e sua relação com o mundo dos estados internos, pois, como afirma Wittgenstein, “uma regra está aí como uma placa de orientação” (IF, 1996, §85). Ao que se pode apontar, Wittgenstein retira o critério de um interior auto-legislador, porque é através das regras que se tem a possibilidade de exteriorizar os enunciados das vivências interiores de modo a torná-las significativas.

Aprender a falar de nossas emoções, por exemplo, depende das diferentes formas de experimentá-las. Não se aprende o significado dos conceitos emocionais associando-os a certas experiências privadas, mas vivendo-os contextualmente. As regras, neste caso, passam a articular e orientar o jogo de linguagem das emoções, pelos quais expressamos um dos tipos de conduta tidos como acessíveis apenas ao próprio caso.

Considerações Finais

A reestruturação realizada pelo filósofo, após o *Tractatus*, confere uma origem do sentido não a uma realidade exterior à própria linguagem, mas a sua aplicação dentro de um contexto. Em *Investigações*, parece existir algo que excede o mero uso designativo da linguagem, ou seja, uma expressão qualquer não se liga diretamente à realidade como figuração do objeto. A caracterização de uma essência para a linguagem é substituída pelo leque de usos possíveis que podemos fazer dos conceitos psicológicos nas diversas situações.

As referências constantes de Wittgenstein aos *jogos de linguagem*, às *formas de vida* e às *regras* não têm o propósito de explicar nada, nem de responder a pergunta acerca do significado de nossas palavras ou da essência da linguagem. Pretendem, pois, ajudar-nos a não ignorar a espontaneidade que sustenta nosso uso das palavras. Esta discussão nos revela que aquilo que está em jogo em Wittgenstein é a tentativa de recuperar a verdadeira natureza de nossas perplexidades filosóficas.

Referências bibliográficas

- CLARA DIAS, Maria. *Kant e Wittgenstein: os limites da linguagem*. Rio de Janeiro: Relumê e Dumará, 2000.
- DALL'AGNOL, Darlei. Natural ou Transcendental: sobre o conceito de Lebensform em Wittgenstein e suas implicações para a ética. In: *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v.21, n.29, p.277-295, jul./dez. 2009.
- GIANNOTTI, José A. *Apresentação do mundo: Considerações sobre o pensamento de Ludwig Wittgenstein*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- GIL DE PAREJA, José Luis. *La Filosofía de la Psicología de Ludwig Wittgenstein*. Barcelona: PPU, 1992.
- GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Trad. de Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- HACKER, Peter M. S. *Wittgenstein*. Milano: Sansoni, 1998.
- McGINN, Colin. *Wittgenstein on Meaning*. Oxford: Blackwell, 1984.
- MARQUES, Antonio Carlos. *O interior: linguagem e mente em Wittgenstein*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- MORENO, Arley. *Wittgenstein: os labirintos da linguagem: Ensaio Introdutório*. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 2000.
- PEARS, David. *As idéias de Wittgenstein*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1973.
- REGUERA, Isidoro. *La miséria de la razón: el primer Wittgenstein*. Madrid: Taurus, 1980.
- RYLE, Gilbert. *Expressões sistematicamente enganadoras e outros ensaios*. In: Teoria da Significação. Trad. de Balthazar Barbosa Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- THEMUDO, Marina Ramos. *Ética e sentido: Ensaio de reinterpretação do Tractatus Lógico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein*. Coimbra: Almedina, 1989.
- _____. Solipsismo – Viagens de Wittgenstein à volta de uma questão. In: *Revista Filosófica de Coimbra*. Coimbra, 1(1992), p.p.83-96.
- THORNTON, Tim. *Wittgenstein: sobre linguagem e pensamento*. São Paulo: Vozes, 2007.
- VALLE, Bortolo. *A forma do Silêncio e a forma da Palavra*. Curitiba: Champagnat, 2003.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Lógico-Philosophicus*. 3ª Ed. Ensaio e Tradução: Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: EDUSP, 2001.
- _____. *Investigações Filosóficas*. Trad. de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1996
-